



Voz Off: Ministério do Turismo, secretaria especial da cultura e Instituto Tomie Ohtake apresenta Somos Muitas, um projeto patrocinado por Carrefour, Kapitalo, Syn Prop Tech e Unigel.

Renata Araújo: Eu sou Renata Araújo, coordenadora do projeto Somos Muitas! e hoje estou aqui nesse podcast com Kelly Adriano, mulher negra paulistana nascida no bairro da Barra Funda no carnaval de 1973, filha da paulistana Lúcia Maria e neta da paulista dona Maria Aparecida e da mineira dona Ana do Carmo. Vem de uma linhagem de mulheres negras trabalhadoras das áreas de serviços domésticos e cabeleireiras e segue se formando na vida a partir dos saberes dessas mulheres e da ancestralidade. Mãe de um casal de filhos pela diferença de 16 anos de idade entre eles, Amandlah, nome Shangana da África do Sul que significa liberdade e poder; e Kayodê, nome yorubá da Nigéria, que significa ele traz alegria. Primeira da família, tanto do lado do pai quanto do lado da mãe a possuir curso superior, é doutora em ciências sociais pela Unicamp onde defendeu teses sobre as presenças femininas no samba. Mestra em antropologia pela USP com dissertação sobre o samba e as ausências e silenciamentos das populações negras na cidade de São Paulo. Graduada em ciências sociais pela USP, é educadora, ativista antirracista, curadora, articuladora e gestora cultural, trabalha há 22 anos no SESC SP, serviço social

do comércio, onde está como gerente adjunta de ação cultural. Seus temas de pesquisa são negritude, gênero, educação, antropologia urbana, antropologia política, arte e cultura.

Muito obrigada pela sua presença, viu, Kelly. E eu já vou começar começando, já perguntando, porque depois de todo esse currículo eu fico me questionando e acredito que quem está ouvindo também se questiona quem é Kelly Adriano atrás de tudo isso. Como que essa mulher foi forjada? Conta essa trajetória para a gente do outro lado, dos bastidores.

Kelly Adriano: Que legal, muito obrigada, Renata. Muito obrigada por essa introdução animadíssima, e, nossa, como é muito comum ser dito dentro do feminismo negro e já citando logo de cara uma expressão da Jurema Verneck que é uma querida amiga e militante lá do Rio de Janeiro: “os nossos passos vem de longe”. Então perguntar quem é Kelly Adriano, o quê, como foi forjada para chegar até onde estou é uma história longa e uma história que antecede a minha existência aqui, os passos vêm de longe, vem desde essas questões das ancestralidades, das mulheres ancestrais e das mulheres da minha família. Sempre que eu vou falar alguma coisa de mim, já penso logo nas minhas avós e na minha mãe. E como eu sou a mais velha das netas, também filha mais velha, tive a felicidade de conviver muitos anos com os meus quatro avós, dois avós, duas avós, e isso tudo influencia demais na minha trajetória. Eu convivi 20 anos com quatro avós vivos e conhecendo essas histórias, essas memórias, e saber de onde a gente veio é fundamental para ir construindo onde estamos e para onde a gente vai. Então já começo com essa questão dos nossos passos vêm de longe e de dizer que sou uma mulher negra paulistana nascida no bairro da Barra Funda, que eu costumo dizer que é o bairro onde está enterrado o umbigo do samba paulistano. E isso diz muito também sobre mim. Meu pai músico, então sempre muito envolvida nessa história das artes, tocando na

bossa nova, tocando samba jazz, minha mãe muito ligada a escola de samba, escola de samba Camisa Verde e Branco, da Barra Funda, e cabeleireira. E aí essa junção de uma cabeleireira apaixonada por samba e por arte e cultura e um músico fez com que a arte e cultura estivesse na minha vida desde pequena, mas também muito com um olhar, conforme fui crescendo, me envolvendo mais, sempre envolvida com dança, com teatro, eu era uma criança, uma jovem muito curiosa, de querer fuçar tudo que existia de graça disponível na cidade de São Paulo. Fui fazendo uma série de cursos, de oficinas, oficinas culturais e em uma época que não tinha internet, que eu ficava caçando folhetos que estavam grudados ou nos ônibus ou no metrô, tinha tipo um painel, então tudo isso foi me interessando demais. E também a questão dos livros, minha mãe como cabeleireira ali de Higienópolis que é um bairro bem chique de São Paulo, vizinho da Barra Funda. Barra Funda era o lado pobre e Higienópolis o lado rico e ela cabeleireira em Higienópolis gostando muito de ler, ganhava muitos livros das clientes dela, então sempre vi minha mãe lendo muito e fui me interessando muito também pela leitura, pela literatura. Então esse universo assim, criada em uma família interessada em arte foi também me levando para me interessar por esse caminho, só que mais velha, já adolescente, 14, 15 anos fui vendo que a vida do artista era muito difícil. Quem segurava as contas em casa era a cabeleireira, porque o músico não tinha essa possibilidade. Então vendo isso e depois tive mais duas irmãs, vendo a dificuldade da minha mãe de criar as três filhas, vendo que meus pais depois se separaram também, fui criando um pouco uma resistência a esse lado artístico, falando: “nossa, esse pessoal da arte é muito desorganizado, a vida é fácil demais, se tem, tem, se não tem, não tem”, isso foi me intrigando. Fui me afastando um pouco desse universo artístico enquanto interesse, mas sempre continuei gostando de dançar, de ir nos meus bailes blacks, de ir na escola de

samba, de conviver com uma população negra em uma cidade em que diziam que não tinha negros, negros em São Paulo eram sempre silenciados, invisibilizados, é a cidade dos italianos. Então essas coisas com uma pessoa curiosa que eu sempre fui, foram sendo somadas a minha formação enquanto mulher e também as questões de me envolver com movimentos sociais, movimento negro foi me chamando atenção, principalmente depois de um evento que a minha mãe cabeleireira me levou que foi a marcha do centenário da abolição, 1988, e aquilo me marcou demais, aquela marcha, aquelas pessoas falando: “olha, São Paulo, o Brasil, o racismo”. Então todas essas referências foram me forjando. Depois de muito tempo, estudante de escola pública, costumo falar que sou escola pública puro sangue, desde a creche que a minha mãe me colocou com um ano e meio até o doutorado, fiquei sempre na escola pública. E posteriormente, convivendo com essas pessoas lá de Higienópolis, e minha mãe falando: “olha, as filhas das minhas clientes estudam, fazem faculdade, isso deve ser uma coisa importante a ser feita”. Porque ninguém na minha família tinha feito curso superior.

Meu pai tinha ido até o sétimo ano, a minha mãe até a quarta série, as minhas avós, uma avó analfabeta, um avô analfabeto. Então estudar nunca esteve no campo de possibilidades assim, esteve nos sonhos e no imaginário. E minha mãe falava que essas pessoas, os filhos faziam faculdade, que isso devia ser uma coisa boa. Eu curiosa, como já disse que sempre fui, e acho que curiosidade é algo fundamental para quem quer trabalhar em qualquer canto, mas especialmente nesse campo da produção, seja artística, seja educativa. Eu curiosa, fui pesquisar o que era essa coisa de faculdade, e aí descobri por um material chamado guia do estudante que um professor de filosofia levou no ensino médio lá na escola, fui descobrir que havia uma profissão chamada ciências sociais, sociologia, antropologia, ciências políticas, falei: “nossa, isso

parece que mistura essas coisas que eu gosto, arte, cultura, dançar, pessoas, gente, questões políticas, comunicação, onde é que se estuda isso?” Aí fui levantar onde tinham esses cursos e também dentro do movimento social fiquei muito próxima de umas pessoas que estudavam na PUC de São Paulo. Comecei a frequentar a PUC, as palestras do diretório de estudantes, mas vi que não havia possibilidade de estudar na PUC, não tinha como, tinha que ser algum lugar gratuito e comecei a me esforçar bastante para tentar passar do tal do vestibular, ou da USP ou da UNICAMP ou da UNESP. Não existia o Enem, que é uma conquista do governo Lula, não existiam ações afirmativas, não existia esse horizonte de possibilidades. Aí fui vendo onde era possível, onde não era possível, e enfim, consegui prestar o vestibular, entrei na Universidade de São Paulo e lá me deparei de novo com a questão de ser única em alguns ambientes, isso também foi me deixando muito incomodada e provocada. Nesse meio tempo durante a faculdade tinha que trabalhar e estudar, comecei a trabalhar com 16 anos na área de secretariado, auxiliar de escritório. E aí tinha que trabalhar e estudar morando na zona leste, e estudando no Butantã, tinha que ter dinheiro para condução, não existia bilhete único, que também foi uma conquista da prefeitura da Marta, da prefeitura do PT. Então era bem difícil dar conta de ter a curiosidade de gostar de tudo que eu gostava e de ter dinheiro para dar conta desses ambientes todos. Na universidade muito movida pelo que a família ensinava do orgulho de ser uma mulher negra e do que o movimento social negro foi me ajudando a perceber e construir, fui procurar alguns negros na universidade, a maioria eram funcionários da universidade, eram poucos estudantes. Me juntei, fiz amizade com funcionários, e aí um ou outro estudante, principalmente para mestrado que vinham de outras regiões do país e aí nos unimos para formar o núcleo de consciência negra na USP para chamar atenção desse núcleo. Ativamos as

áreas também artísticas, convidar artistas para fazer alguns shows dentro da USP, começar a se preocupar com produção para trazerem essas pessoas, como conquistar verba, como elaborar um documento que conseguisse verba para fazer esses artistas para dar visibilidade ao núcleo de consciência negra. Então também fui aprendendo ali aos trancos e barrancos na experiência como organizar todas essas possibilidades artísticas para chamar atenção para as questões mais amplas, que são discussões, reflexões sobre o racismo, sobre as ausências, silenciamentos dentro da universidade. E aí me formei, quase não consigo me formar, porque seduzida pelas questões do movimento social, das reivindicações, dos shows, a gente conseguiu organizar uns shows bem interessantes lá, e também a questão estratégica de pensar como chamar atenção para essa ação que a gente fazia dentro da universidade. A primeira chamava “A Coisa Vai Ficar Preta na USP”, que foi uma semana de consciência negra que nós organizamos em 92 e a outra chamava “Urucubaca na USP” para também desmistificar esses estereótipos em torno desses nomes. Então pensar nome para projeto também é estratégico demais, você chama as pessoas para um estranhamento e aí elas vão chegar lá e encontrar algo que vai transformar assim a vida, porque acho que a arte e a cultura têm que ter esse poder de transformar a vida das pessoas, não um poder messiânico, redencionista, salvacionista, mas no sentido de ampliar percepções, ampliar repertório, ampliar inquietação. Os projetos bacanas têm que provocar, eles têm que tirar do lugar, tem que causar estranhamento. E aí falei: “gente, vou dar um intervalo aqui do núcleo porque senão não me formo e eu preciso me formar, preciso terminar a universidade”. E dentro da universidade, todas essas inquietações e a curiosidade também me fizeram descobrir que existia mestrado e doutorado, nunca tinha ouvido falar de graduação, porque fui a primeira na minha família, quem dirá mestrado e doutorado. E aí no mestrado

eu quis voltar a estabelecer relações com a arte e a cultura enquanto um campo de pensamento e de pesquisa, não só um campo de diversão. Resolvi fazer as pazes, tirar um pouco os traumas de ser filha de músico e das dificuldades que passamos por ter um pai que era desse universo artístico. No mestrado resolvi a partir da escola de samba, na cidade apelidada de tórculo do samba, que é São Paulo, olhar esses territórios negros na cidade e trabalhar também o samba como um território de movimento social e político. Isso eu estou falando nos anos 90 quando eu entrei na universidade de São Paulo. O samba reunia 2 mil, 3 mil pessoas negras, os movimentos sociais reuniam 40, 50 para os debates e palestras e a universidade não reunia ninguém porque as dificuldades para entrar lá eram gigantescas, eram e são gigantescas. Então fui estudar isso no mestrado, fui descobrir que existia mestrado. Engraçado que minha mãe falava: “eu não sei para que serve a sua faculdade, mas se está fazendo faculdade é uma coisa que é boa para você”. E no mestrado ela: “não sei também para que serve isso, mas é bom”, sempre incentivando. Defendi o meu mestrado e foi justamente no finalzinho do mestrado que me envolvi mais ainda com esse ambiente da produção cultural, da produção artística, porque dava aula. Eu tenho essa questão da educação, da pedagogia muito forte e dava aula no ensino médio durante a faculdade e nas minhas aulas eu já levava também música, não usava material didático, dava aula de sociologia, história, dei aula de educação moral e cívica, dois anos. Isso existia nos anos 90, uma disciplina surgida na ditadura mas que eu levava a música “Meu Guri” do Chico Buarque, por exemplo, para discutir as questões sociais e de identidade dentro dessa disciplina. Estava no mestrado e a minha bolsa de mestrado estava para acabar. Nesse meio tempo entre a graduação e o mestrado eu fui mãe, tenho uma filha de 26 anos chamada Amandla que significa liberdade, a primeira palavra que o Mandela falou quando saiu da prisão. Eu estava com a bolsa

terminando, falei: “bom, só dar aula não vai dar certo, eu vou mandar currículos, vou ver o que eu faço”. Nesse meio tempo, também dei aula na Universidade, universidades particulares, na disciplina de metodologia de pesquisa, que é uma disciplina que quase ninguém gosta, porque é aquela parte de montar projeto para fazer o TCC e tudo mais. Então comecei ali a mandar meus currículos. Também trabalhei com pesquisa, trabalhei na fundação CEAD, trabalhei no CEBRAPE (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), sempre na área de pesquisa. E aí um belo dia chega um telegrama. Estou aqui abrindo para vocês o quanto eu sou antiga, professora de educação moral e cívica, telegrama, chega um telegrama falando que o meu currículo tinha sido selecionado para fazer uma prova de um anúncio que depois fui descobrir. Eu mandei tantos currículos e esse anúncio falava: “você é formado na área de humanas? Se interessa por arte e cultura, cidadania? Venha trabalhar conosco”. Não disse o nome da empresa. Recebi o telegrama, fui, fiz a prova, passei para outras etapas. Eu sei que em resumo foram sete etapas e eu entrei nessa Instituição que eu trabalho até hoje. Durante os três primeiros anos eu dava aula, terminava a escrita do mestrado e trabalhava com pesquisa e trabalhava nessa Instituição. Até que eu vi que era impossível dar conta de todas essas coisas e fiquei mais focada nos trabalhos da Instituição. Instituição que trabalha com arte e cultura, que avalia projetos, recebe projetos de proponentes externos, mas também nos dá a possibilidade de escrever projetos. E aí que fui mesmo fazendo cada vez mais as pazes com a arte e a cultura, enxergando um caminho possível de organização dessa referência mais tumultuada que eu tinha do meu pai, das amigas e amigos dele, que é esse papel do produtor, da produção cultural e da gestão cultural, que é um papel de organização, a organização que vai viabilizar com que os artistas e criadores continuem criando.

Há artistas que também são produtores, mas eu sempre recomendo que isso seja um pouco mais separado. Acho que a produção cultural, a gestão cultural tem que cada vez mais serem vistas como profissão de organizar e viabilizar os sonhos, mas o produtor cultural, produtora cultural, a gestora cultural também não tem que deixar de sonhar. Essa parte de ser organizado, disciplinado, não tem que matar os sonhos. Então você também tem que sonhar para ajudar os outros sonhos a se realizarem. E aí comecei a trabalhar em áreas que eu nunca tinha trabalhado na vida.

Montei exposição, cuidei de companhias de teatro, elaborei projetos para diferentes idades e sempre nessas elaborações criando os caminhos que dialogassem com o meu campo de pesquisa, sempre olhando para gênero, sempre olhando para raça, sempre olhando para classe social, sempre olhando para território. E aí estou nesse universo há muito tempo e no meio do caminho falei, quando eu terminei o mestrado e dava aula e tinha filho e eu falei: “não quero mais saber disso, vou ficar só nessa Instituição mesmo, vou parar com esse negócio de fazer mil coisas ao mesmo tempo”, mas quem disse que o bichinho da curiosidade deixou? Depois de um ano e meio que tinha quase caído doente para terminar o mestrado e dar aula e fazer tudo ao mesmo tempo, fui para o doutorado, estudar independentemente de ser com titulação. Ter um mestrado, ter um doutorado, mas estudar é sempre fundamental, estudar, ler, é sempre fundamental porque alimenta os seus sonhos e desperta, amplia suas percepções e é fundamental para o produtor, para o gestor, para quem trabalha com arte, com cultura, seguir estudando, seja para que lado for, para que campo for, porque a criatividade precisa ser alimentada. Acho que a criatividade é fruto de todas as nossas experiências, a nossa construção de vida, de ser, mas ela precisa ser alimentada e estudar é um alimento permanente, assim como conviver com as pessoas, estar em

ambientes diversos, ter contato com a diversidade, não ficar só naquele seu universo, naquele seu mundinho, essa inquietação permanente é fundamental.

Fiz doutorado na UNICAMP, saí da USP, fui para a UNICAMP e no doutorado eu trabalhei com recorte de gênero e raça, também dentro do ambiente da escola de samba, mas olhando para as mulheres.

Deu uma continuação das inquietações do mestrado, de olhar para o samba como território político, mas ampliei com olhar para gênero, olhar para essas mulheres do samba que às vezes são estigmatizadas, as passistas, a questão da corporalidade, e ninguém olha para essas trajetórias, baianas, porta-bandeiras, a importância fundamental da mulher para que o samba exista e resista até hoje.

Voltando do doutorado, fui para o campo da gestão dentro da mesma instituição. Saí dessa parte técnica.

Renata Araújo: Fala qual a instituição, que a gente fica curiosa.

Kelly Adriano: Falo sim.

Renata Araújo: Vai que a pessoa não prestou atenção quando eu li seu currículo.

Kelly Adriano: Eu conto, eu vou contar. Fui para a área de gestão, que é uma articulação que sai do território onde eu atuava em cada unidade desse local e vai para todo o território do estado de São Paulo, essa instituição é o SESC São Paulo. Uma instituição que existe no Brasil inteiro, mantido pelo comércio, o dinheiro que mantém o SESC vem de um desconto na folha de pagamento dos empresários em torno de cada pessoa registrada em carteira, então não é o trabalhador que paga, é o empresário que paga, mas para benefício do trabalhador. Ele existe desde os anos 40, tem 76 anos de existência o SESC, mas

cada região pode escolher uma área mais forte de atuação de acordo com toda a percepção de quais seriam as carências daquela região ou cada estado pode escolher sua área de atuação. E o SESC de São Paulo trabalha principalmente no campo da arte e da cultura em uma perspectiva de educação permanente.

Então consigo dentro desse trabalho ainda desenvolver essa experiência e esse olhar de educadora entendendo a arte e a cultura como campos de educação permanente, de aprendizado permanente para a cidadania, de aprendizado permanente para a convivência, para se relacionar com as questões da sociedade. Então estou na gestão agora e a capilaridade do SESC é gigante, porque dentro do estado de São Paulo onde eu atuo são 44 centros culturais e dentro desses 44, atuo na gerência de ação cultural e nós para além de pensarmos todas as discussões conceituais que vão permear essas programações, a gente pensa também no desenvolvimento de vários treinamentos para as equipes técnicas, participamos da discussão das arquiteturas, então todos os projetos de arquitetos, que vão elaborar os novos centros culturais tem que passar por reuniões e várias articulações com a gente, com a nossa área de atuação. E é isso, estou só no SESC há 22 anos, tanto passando pela parte técnica como produtora cultural, elaborando projetos e avaliando projetos e chamando artistas, educadores, educadoras para por essa programação, quanto nos últimos anos, desde 2014 na área de gestão, articulando essas outras conexões, estabelecendo parcerias internacionais, nacionais, olhar mais ampliado para a parte de arte e cultura, sempre trazendo experiência.

Falei no começo, nossos passos vêm de longe, precisa ser muito verdadeiro nas nossas vidas, a gente não pode chegar nos espaços e simplesmente se modelar ao que eles já trazem, tem que chegar com contribuições e contribuições que vão partir sempre das nossas experiências e quanto mais diversa for a

experiência mais rica ela é. Eu trago as minhas avós, trago minha mãe cabeleireira, trago os livros que ela lia e que eu lia, trago o movimento negro, trago meu pai músico, trago meu avô músico, trago minha filha, trago meu filho que tenho agora de 10 anos chamado Kaiodê, que também é um nome africano, significa traz alegria. Tudo isso que me constituí eu levo para essa experiência do trabalho, lembro que essa área de produção cultural e artística a gente não tem muito dia certo, a gente trabalha final de semana, tarde, noite, madrugada e eu lembro que as pessoas falavam, na época que eu trabalhava como técnica em unidade: “mas trabalhar final de semana, que coisa mais chata”. Médico também trabalha final de semana, quem trabalha em delegacia também trabalha final de semana, pelo menos eu trabalho em um ambiente que vai ajudar as pessoas a se sentirem melhores, felizes, serem despertadas para sonhar, serem inquietas para olhar para a sociedade, contribuir de alguma forma, porque como diz a minha avó, uma dessas avós está viva com 99 anos, ela fala que a gente vem com missão. As missões podem ter curta, média e longa duração, vai depender do nosso tempo essa existência, mas a gente vem com missão. Então quais são os legados que a gente quer deixar para essa sociedade e acho que quem trabalha com produção, o que é artista mesmo, que também é do campo da criação, todo um universo que deixa muitos legados, e legados que vão perpassar. A gente precisa fazer a diferença nos lugares que estivermos para que o legado seja pertinente com essa nossa missão, e acho que encontrar a missão é encontrar o que te dá prazer em fazer. Eu brinco e falo assim: “é muito difícil às vezes falar: “é o mundo da ilusão, as pessoas poderiam escolher no que trabalhar”, mas eu acho que enquanto não dá para escolher exatamente com o que você quer trabalhar, você tem que fazer várias outras coisas. Aquilo que estava contando, enquanto estava

trabalhando com pesquisa, mas eu também queria verificar esse universo da arte e da cultura, que me motivavam.

Trabalhei com pesquisa na área de saúde, na área de emprego e desemprego. São importantes? São, mas eu fazia por reconhecer a importância, mas o brilho nos olhos estava em outro campo, estava no campo da educação, da cultura e da arte, sei que é isso que me faz brilhar os olhos, então acredito que minha missão esteja nesse ambiente. E trabalhar tantas horas com algo que não te dá nenhum tipo de prazer e satisfação é muito triste.

Renata Araújo: É uma dinâmica que a gente tem que lutar para que ela não seja regra, para que ela se transforme, porque tem sido uma regra, uma constante, a gente vê várias situações de Burnout, problemas psicossomáticos em virtude do trabalho, e assim, trabalhar na área da cultura também é quase que uma vocação, porque exige muito, mas é prazeroso.

Kelly Adriano: Exige muita dedicação, muita seriedade, também exige muito a ciência, porque é um campo de atuação que é recente ser olhado como algo sério e de respeito. Eu lembro que na escola perguntavam com o que meu pai trabalhava, eu falava que era músico, perguntavam o que ele fazia para trabalhar e para ganhar dinheiro, porque músico é hobby, eu falava: “não, meu pai é músico”. Trabalhar com arte e com cultura, parece que você não trabalha, porque é o campo do entretenimento e as pessoas, o senso comum acha que o entretenimento é só diversão, e às vezes eu brinco, falo: “nossa, as vezes eu me sinto escrava do lazer dos outros”, quando está muito cansada, escrava do lazer dos outros, porque tudo isso, gera muito trabalho, ele gera renda, o campo da economia da cultura é um campo recente também sendo olhado com seriedade, porque ele emprega muitas pessoas, gera muita renda, o PIB que a cultura proporciona para o Brasil é o segundo maior movedor econômico

dentro do país. Tem esse campo que é sério e tem também esse campo que é de um ativismo mesmo, porque é um campo simbólico, um campo que vai caminhar para algo que as pessoas, o senso comum fala: “poxa, mas a gente precisa de comida no prato, qual a importância da cultura?” O senso comum diz isso, só que inclusive durante a pandemia muitas pesquisas trouxeram que foi o campo cultural que ajudou na saúde também das pessoas. Então é saúde mental, é inspiração, é criatividade e é renda também. Há um leque muito grande e é muito importante movimentos com esse curso e outros que vão ajudando a trazer ferramentas que encaram esse universo como uma profissão possível. Muita gente às vezes fala: “ah, que gostoso, você trabalha com isso, toda hora está em exposição, toda hora está em show, toda hora está em teatro, toda hora está em contato com o artista”, mas não imagina o trabalho que dá nos bastidores para que tudo isso aconteça, então é muito importante ser visto como profissão e trazer as ferramentas. Tem ferramentas que ainda não existem que serão criadas, porque é isso, o campo da produção e da gestão voltada para arte e para a cultura também é um campo criativo, o produtor e o gestor não é só a operacionalização. É um campo de criatividade também, eu falo que também é um artista, é um artista do outro lado, o artista que vai para o palco, às vezes até vai, mas às vezes até um artista para o outro lado, porque é criatividade intensa e permanente.

Renata Araújo: Kelly, você tem história para a gente ficar o dia inteiro conversando, mas a gente vai ter que encerrar o podcast, esse episódio, mas assim, vou até adiantar para as pessoas, se vocês que estão acompanhando o nosso podcast podem verificar que essa mulher já falou tudo. Não devia ter passado a minha colinha para ela, ela já falou de desafio, ela já falou de conquista, ela já falou de legado. Então estou correndo aqui para fazer as duas

últimas perguntas antes que ela fale antes que eu pergunte. Kelly, somos muitas, quem são as muitas que te influenciam e te influenciaram?

Kelly Adriano: Somos muitas, quem mais me influencia e me influenciou, eu já disse lá no comecinho, são as mulheres da minha família, às minhas avós, a minha mãe, as minhas irmãs, que eu tenho duas, a minha filha, as minhas sobrinhas, porque ainda mais mulher preta, mulher preta é um caminho de muita inteligência e sabedoria. Costumo dizer que se alguém colocar uma mãe preta periférica para ser ministra da fazenda, esse Brasil vai saber andar, vai saber caminhar, porque do pouco você conseguir partilhar e compartilhar muito, e dar conta de grandes famílias e tudo mais, é muita sabedoria. Então essas são as principais. E como meu pai era do campo da música, eu tenho as minhas inspiradoras artistas, entre elas eu destaco três, tem um monte, mas eu destaco a dona Ivone Lara, Clementina de Jesus, a Elza Soares, acho que essas três são incríveis. E no teatro, no cinema Ruth de Souza, porque pensando o peso de você ser única nos espaços e manter sua dignidade e manter a qualidade do que você acredita como importante e uma entrega especial. Então é a Ruth de Souza acho incrível. Tem uma lista gigante, mas essas são algumas das muitas que me inspiram e que me constituem.

Renata Araújo: E como inspiram, inspiram a todas nós, sem dúvida nenhuma, são referências. Agora a gente vai se despedir e antes de nos despedirmos, para você deixar aquele quentinho no coração de todo mundo que está ouvindo, queria que você desse uma dica, a dica da vida, o que você acha que pode transformar a vida de todo mundo com essa sua dica E agradecer mais uma vez a sua participação.

Kelly Adriano: Eu que agradeço, Renata, acho que é muito gostoso poder trocar, lembrar, trazer essas lembranças. É difícil dica, são tantas coisas, mas

acho que nunca deixar de sonhar, ser inquieto com a vida e acho que sempre lembrar de onde você veio, onde você está e para onde quer ir, ter direção, não em uma reta, mas em um sentido espiralar, como nos ensina muito a filosofia banto e como nos ensina a professora Leda Maria Martins que é uma mulher maravilhosa da área de teatro, saber de onde veio, onde está e para onde quer ir em um sentido de tempo espiralar, a vida não é reta, ela é cheia de curvas, isso nos faz ter jogo de cintura com ela, então é isso, muito obrigada pela oportunidade.

Renata Araújo: A gente que agradece. Quem está ouvindo o podcast fique de olho nos próximos episódios, obrigada e finalizamos aqui mais um episódio do podcast Somos Muitas!.

Voz Off: Lei de incentivo à cultura, secretaria especial da cultura, Ministério do turismo, governo federal, Pátria Amada, Brasil, Pronac 203086.